AÇÃO DIRETA

SEMANÁRIO ANARQUISTA | PREÇO Cr$ 0,50 | Diretor: JOSÉ OITICICA

ANO I | Rio de Janeiro — Quarta-feira, 15 de janeiro de 1947 | N.º 29

> O explorador-mor no caso é o governo. Por isso, não aparece quem o denuncie nem o ponha na cadeia. Crime, quando praticado pelo governo, se chama decreto, portaria ou regulamento, crime nunca.
>
> *Rachel de Queiroz*

Revolucionários e contra-revolucionários

Por SERAPHIM PORTO

Revolução! Como se abusa dêste vocábulo! Como tendenciosamente só se lhe dá o sentido de golpe armado... De tal fórma é êle achincalhado, que, se os anarquistas não lhe conservarem, perseverantes, a pureza, a elevação, a clareza e a exatidão do significado, se tornará um odre com um rótulo por fora, sem nada por dentro, como acontece aos vocábulos — república e democracia.

O partido socialista no poder não é revolucionário; ou sente logo que não pode levar a cabo os princípios da sua doutrina, ou os trai forçado pelos fatos ou por conveniência.

O partido comunista também não; substitui uma classe dominante por outra, deixando o proletariado nas mesmas condições e ainda com menos liberdade.

Quem, no entanto, poderá impedir que os citados partidos a si se julguem revolucionários?

Não o serem já o provou a teoria, muitas vezes, e a prática o vem confirmando com Leon Blum, Mussolini, Hitler e Laval e com Lênin, Trotzky e Stálin.

Leon Blum no poder pode as inar as palavras de Clémenceau — «agora estou do outro lado da barricada». Presidente do Conselho de Ministros propõe a criação do Comitê de não intervenção, o que valeu por entregar a Espanha à voracidade de Franco, Mussolini e Hitler, negando-lhe tudo, até mesmo os armamentos no valor de 40 milhões de francos, adquiridos pelo Governo republicano antes da sublevação do caudilho.

A atitude do grande socialista francês justifica-se: temia o triunfo dos anti-fascistas espanhóis; preferia o triunfo de Franco!

Lênin que levou o seu extremismo à tomada do poder, de que nem todos eram partidários, depois de instalado nêle, passou a achar que o extremismo era a doença infantil do socialismo! Era natural, tornara-se conservedor.

Trotzky, após haver pedido aos ucraínos o seu auxílio para o exército vermelho em dificuldade, servido, colhe-os de surpresa e lhes impõe, à fôrça, o regime balchevista, roubando-lhes os frutos que já gozavam, de uma sociedade anarquista.

Stálin foi, na Rússia, o mesmo que Mustafá-Kêmal, na Turquia; Mussolini, na Itália; Salazar, em Portugal; Hitler, na Alemanha; Franco, na Espanha. Foi o chefe do movimento nacionalista da U. R. S S., movimento contra-revolucionário. Rasgou o manifesto comunista que Marx e Engels copiaram sorrateiramente de Victor Considerant, publicado em 1843, estendeu a mão a «Deus», retratou-se com a «Pátria» e protegeu a «Familia»... dos privilegiados, cumpre notar.

Primeiro, como discípulo de Marx cujo retrato tem em seu gabinete, escarneceu da religião; agora, por cada grupo de vinte cidadãos que se queiram deixar explorar por «ministros de Deus» faz erguer um templo. Primeiro, cantou a Internacional; agora, canta o Hino da Santa Rússia.

Os movimentos nacionalistas, na Europa de após Guerra de 1914, foram uma reação contra os movimentos do proletariado — greves, ocupação de fábricas e de propriedades — que abalavam profundamente o sistema capitalista.

A êsses movimentos não se furtou a Rússia e não se podia furtar dado o obscurantismo da grande massa camponesa e do reduzidíssimo proletariado, ou indiferentes aos problemas sociais, ou incapazes de se defenderem dos elementos reacionários que não cedem sem muita luta (tal como hoje estão fazendo em todo o mundo) as suas posições privilegiadas.

A luta mais importante começou-se a travar dentro do partido comunista, luta que se estendeu aos partidos comunistas de todo o mundo.

Os elementos da geração de 1905, da ilegalidade de 20 anos, percebia que a revolução se afastava cada vez mais dos seus princípios. A grande massa que afluira ao partido após a vitória de outubro, no período de 1921 até 1927, 475200 em 720000, trazia em seu bojo indivíduos que sempre se encostaram aos elementos do poder, funcionários do antigo regime, elementos contra-revolucionários de Koltchak, antigos policiais, camponeses ricos, os quais levaram as organizações, em muitas cidades, a reviverem os dias das bacanais rasputinianas e minaram a Rússia com o «câmbio negro» dos produtos da mais imperiosa necessidade.

Êsses elementos e tôda uma rêde de dirigentes grandes e pequenos, dos organismos do partido, com cargos renumerados e que tudo faziam para não perdê-los em face das suas regalias, lutavam por destruir uma pléiada de velhos militantes que se batiam desesperadamente para que a revolução não fôsse desvirtuada.

Tudo, todavia, conspirava contra os velhos elementos — a morte que os arrebatava pela sua natural idade; as mentiras e as calúnias para indispô-los com a massa; a tendência muito humana de desconfiar justamente de quem apresenta as cousas como realmente são e não como todos gostariam que fôssem.

Qualquer grande conquista custa sacrifícios e, a prová-los, poucos se arriscam.

Move-se contra a velha geração habituada a discutir e a dissidir nos velhos sovietes de inspiração anarquista, uma guerra covarde e surda.

Volta ela à cadeia mais dura que as dos tzares; é exilada para Astracã ou para os confins do Tibet; carrega presa aos calcanhares a G. P. U.; é expulsa para outras terras; é vítima de tribunais de fôrça que fazem confessar o que não confessa; é fuzilada. Não tem descanso nem em terras hospitaleiras onde é assassinada, tal o caso de Trotzky morto no México por um fanático, abandonado, depois, à sua sorte.

Triunfa por fim a contra-revolução em cuja enxurrada foi arrastado o «gênio do século» pela ambição do poder.

Linha justa. Ninguém mais discute, todos aceitam. Anulam-se os homens; fazem-se autômatos.

Mais um ditador; mais um movimento desvirtuado e mais um povo que tem de retomar a luta se quiser honrar um passado que conheceu a Bakúnin, Kropótkin, Tcherkesoff e Tolstoi.

— Mas que tem tudo isso com o problema brasileiro?

— Não haverá também aqui socialistas e comunistas bem intencionados nos seus propósitos, e muita gente boa e honesta, iludida?

Meditem... concluam.

O DESMASCARAMENTO

Quem não se lembra da pestífera propaganda de ódio durante a guerra? Dela saiu a célebre *Carta do Atlântico*. Passou a guerra e a *carta* evaporou-se. Os autores desmascararam-se. Mistificadores, repeliram a droga açucarada, nem se sabe que fizeram da *paz eterna*, da *liberdade* da *igualdade*, do *bem estar*, prometidos. Esmagado o nazismo, substituiram-no por novas tiranias, com idênticos poderes, déspotas semelhantes e análogas máquinas de opressão.

Morreram brasileiros em Monte Castelo, morreram outros 60 milhões em nome da liberdade, da justiça, do bem, mas sobrevive um despotismo invisível, o Estado, ou antes, o Capitalismo.

Alemães ou japoneses não são mais bárbaros que os demais povos; foram, como todos, intoxicados com mentiras e falsos ideais.

A guerra não é consequência de instintos bestiais do homem, mas fruto dos profundos antagonismos sociais. Há um desajuste fundamental causador da guerra e esse desajuste permanece com suas consequências de miséria e decadência: uma grande maioria produtiva e pobre e uma insignificante minoria exploradora e rica

Como carrapatos fisgados na pele dos cães, fisgam os crimes do passado e do presente o sistema capitalista. E' a internacional do dinheiro, dos arquiladrões, a que suscita as guerras, explora a paz e especula com a morte. Não tem pátria, saqueia os povos, força os homens a arrancar tesouros da terra, mas aos seus servos não dá mais que migalhas de instrução e conforto. Além disso, obriga-os a defenderem suas arcas refertas de roubos.

Se os negócios vão mal, queimam café, queimam trigo, lançam no mar o peixe pescado, matam rebanhos, destroem a produção

(Continua na 4ª pag.)

O Partido Comunista quer estabelecer no Brasil com um Luiz Carlos Prestes

uma **ditadura**
um **partido único**
a **G. P. U. igual à Gestapo**
o capitalismo de Estado
e consequentemente
o militarismo
e consequentemente
o **imperialismo**

igual a

totalitarismo fascista
sem **imprensa livre**
sem **sindicato livre**
sem **eleições livres**

O Partido Trabalhista Brasileiro quer a mesma coisa com Getulio Vargas

SÃO ESSES OS CHAMADOS PARTIDOS DO POVO!!!
E O POVO IMBECILIZADO VAI VOTAR NELES!

UM PONTO DE APOIO

P. Ferreira da Silva

Procurar um ponto de apoio para deslocar qualquer obstáculo não é só imitar Arquimedes, que disse «dai-me um ponto de apoio e eu removerei o mundo». É também sinal de inteligência em qualquer operário, para qualquer operário a quem não seja desconhecido [illegible]

Necessário [illegible] considerar que a alavanca, o ponto de apoio e o obstáculo devem ser independentes entre si, para que a fôrça da primeira, multiplicada pelo segundo, possa fazer-se sentir no terceiro. Por outras palavras, o ponto de apoio tem de ser inteiramente estranho à pedra que se quer remover, porque, se estiver prêso a ela, nada se conseguirá.

Eis porque o parlamentarismo é inútil, estéril, ilusório. O povo elege os seus representantes, que são a alavanca. Esta usa como ponto de apoio o parlamento para remover os obstáculos que se opõem à felicidade do povo. Mas acontece que esses obstáculos estão no rochedo capitalista, do qual o parlamentarismo é simples ornamento. E assim, toda a fôrça que se fizer sôbre a alavanca morre no ponto de apoio, preso ao próprio rochedo.

A outra alavanca de que dispõe o proletariado são os seus próprios sindicatos dos quais o ponto de apoio tem de ser a ação direta, um meio independente, como independentes devem ser essas associações de trabalhadores livres. Lutando dentro dos sindicatos, todos poderão atingir os males que é preciso destruir e fazê-lo sem o risco de perder energias, como quem puxa com as mãos um cabo que os seus próprios pés es ão retendo.

Uma das tarefas dos sindicatos reside na luta pela melhoria econômica do proletariado. E isso podem-no fazer de muitas maneiras, sem erperar pelo milagre dos «favores» estatais, mesmo através de supostas influências de qualquer partido.

Certamente, não se chegará, de um dia para o outro, à sociedade anarquista com uma simples recrudescência do movimento sindical. Também é certo que a transformação da sociedade não será levada a cabo pelos seus adversários, pelos que só têm interesse na conservação do sistema em que vivem explorando o trabalho dos outros. Consideremos que se trata de um objetivo simples, bem perto da nossa compreensão e da nossa vontade, mas com barreiras muito complexas dispostas sempre a afastá-[illegible] [illegible] ordem desejadas, [illegible] que seja aos poucos, o objetivo ficará desembaraçado de alguns obstáculos imediatos e mais depressa o alcançaremos.

É preciso melhorar as condições de vida do trabalhador, para que ele vá entrando na posse dos bens sociais que nascem do seu próprio esforço. Não queiram os anarquistas desprezar qualquer oportunidade de o fazerr, baseados na pureza de um ideal que só pode satisfazer-se com a perfeição, com a sociedade livre integralmente estabelecida. Seria correr o risco de cruéis acusações por parte dos eternamente sacrificados. Quantas vezes o filho inculto acusa o pai que não lhe proporcionou instrução! O proletário misérrimo também pode lançar o seu anátema sôbre os que, podendo, não o ajudaram a conquistar um pouco de bem-estar.

Havia um homem que morava num casarão velho, com janelas quebradas e paredes cheias de buracos. A todos mostrava um belo plano de construção de uma residência nova e, por isso, não valia a pena consertar aquela, porque havia de empregar todos os seus recursos na casa ideal. Passava o tempo e nada fazia senão sonhar com a casa ideal. O vento maltratava as portas, a chuva entrava pelos buracos da paredes. Morreu assim, sem nada melhorar. Por idealismo? Não, por incapacidade, por inércia.

Vamos ver se conseguimos consertar umas janelas, tapar unburacos para sofrer menos as inclemências desta vida cruel. Toda a melhora é útil.

Eis a tarefa dos sindicatos, que hão de dar ao trabalhador a consciência do que vale e arredar do caminho muitas pedras que o impedem de caminhar. Cuidado, porém, com o ponto de apoio. Os pedreiros que digam, se vale a pena apoiar a alavanca numa ponta da própria pedra que se pretende remover.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Obedecer à tradição ou à razão?

E. LANTI

Morreu um homem. Que significa isto? Significa que um ser vivo.. dexou de viver. Que um corpo se transformou em pestilento cadáver. Que aproximadamente sessenta quilos de carne entram em putrefação.

Ante êsse fenômeno absolutamente banal, como se portam ordinariamente os homens que se consideram inteligentes e cultos? Pois bem, vestem o cadaver em decomposição, ornamentam-no e colocam no cuidadosamente numa caixa especial chamada ataúde, feita de boa e, algumas vezes, valiosa madeira. O interior do ataúde é, ainda por cima, guarnecido com veludo, como se o cadaver pudesse gozar a sua macieza e a sua suavidade.

Quando aquela massa de sessenta quilos de matéria em putrefação acabou de ser cuidadosamente arranjada, chega um carro especial, pomposa e burlescamente decorado, sôbre o qual se coloca o féretro com o cadáver.

Chegam também, em grande número, pessoas vestidas de negro para acompanhar o morto à sua «última morada». O cortejo organiza-se e atravessa ruas e bulevares. Alguns transeuntes tiram os chapéus, outros fazem o sinal da cruz.

Finalmente, o carro chega a um local especial, a que se dá o nome de cemitério e onde foi cuidadosamente connstruida uma cova. Nesta se depõe o cadáver, para que ele «repouse em paz». E anualmente, pelo menos uma vez no dia da festa de todos os santos, pessoas visitam o túmulo e sôbre êle deixam flores.

Flores para um morto!... embora bem se saiba que um cadáver não vê nem possui olfato e, portanto, não pode desfrutar nem a beleza nem o perfume daquelas flores. Todavia, tudo isso é feito por pessoas que se julgam inteligentes e, talvez, «libertas de preconceitos» Ateus e crentes «honram» do mesmo modo um monte de estrume!...

Entretanto, desprezam-se tantos vivos que passam fome, sofrem dores e se incapacitam para o trabalho útil!

Claro que, quando morre um simples operário, o cadáver não é tão carinhosamente tratado. Contudo, sobre o caixão colocam lhe pelo menos uma coroa modesta Isto mostra que, entre o proletariado, como entre a burguezia, reina o mesmo estado de espírito relativamente ao culto dos mortos.

Faraós do Egito fizeram erguer enormes pirâmides, cujo único objetivo era render culto ao cadáver dêles. Milhares e milhares de escravos suaram e sangraram durante muitos anos para construrir aqueles monumentos que quase desafiam a eternidade. O estado de espírito dos homens de hoje não difere muito dos antigos egípcios. Do mesmo modo e essencialmente se continua a render culto à matéria em putrefação. Em vez de dedicar-se energia e tempo, afim de melhorar a sorte dos vivos, cuida-se de cadáveres, edif cam-se monumentos fúnebres e mausoléus. Obedece-se à tradição milenária, em vez de obedecer-se à simples razão.

Não quero com isto dizer que seja estúpido homenagear um morto dígno de ser homenageado. Há homens cuja vida foi um modelo, e com razão, por isso, podem ser apontados à imitação da humanidade. Mas, tratar com carinho um cadáver pestilento não é prestar inteligente homenagem ao morto. Se êsse morto foi um sábio, como que insultaremos a sua memória procedendo estupidamente com o seu cadáver Se ele foi um escritor de talento e de profundo pensamento, podemos honrar-lhe racionalmente a memória, lendo e estudando a sua obra. Se ele foi homem bom, honesto, reto, a única maneira de honrar-lhe racionalmente a memória consiste em imitar-lhe a bondade, a honestidade, a retidão.

Um cadáver de nenhum modo é digno de ser honrado; êle é apenas objeto de cuidados higiênicos. A razão ordena que nos desfaçamos, sem qulquer cerimônia dos cadáveres, por meio do fogo ou por outro qualquer processo. É absolutamente idiota pretender conserva-los. O costume de acarinhar cadáveres é eloquente prova de que a grande maioria dos nossos contemporâneos se mantêm escravos da arcaica, da milenária tradição. Sinceros e coerentes revolucionários devem, em primeiro lugar, fazer uma revolução no seu proprio espírito, modificar a sua mentalidade, escorraçar da sua mente quantos preconceitos e superstições absurdas, irracionais a povoem.

Obedeçamos à ciência e à razão, de nenhum modo á religião e a tradição Sejamos, não somente antinacionalistas, antipatriotas, mas também antitradicionalistas!

OS COMUNISTAS E A RELIGIÃO

Rafael Malaguerra

No folheto «Os comunistas e a religião», da autoria do Sr. Prestes e editado pela editorial do Partido Comunista Brasileiro, lêem-se as seguintes palavras (reproduzidas no n° 1 de «Divulgação Marxista», pag. 91), pronunciadas pelo «Cavaleiro da Esperança» numa sabatina em Belo Horizonte, em resposta a uma pergunta sôbre qual deve ser a conduta de comunistas que foram anti-clericais antes da sua entrada para o P. C. B.

«Nenhum comunista pode ser anti-clerical, e muito menos quando ocupa cargo de direção no partido. Se o companheiro que fez essa pergunta é um dirigente do partido e já foi anti-clerical, nêsse caso deve fazer uma autocrítica pública, escrevendo um artigo num jornal, por exemplo, explicando que não é mais anti-clerical, porque isso é lutar contra o partido. O anti-clerical é uma deformação pequeno-burguesa, uma manifestação de caráter anarquista. E nós não somos anarquistas, somos marxistas.»

A atitude do Snr. Prestes é coerente. Conhecemos de sobejo a «linha justa» dos jesuitas moscovitários para que nos surpreendam tais palavras. Como podem êles combater a religião, a que Marx, influenciado pelo anarquista Proudhon, chamou com razão o «ópio do povo», se eles fundaram uma nova religião, se êles têm também o seu clero. A sua religião, a religião que êles seguem, como passivo rebanho de qualquer credo, chama-se «materialismo histórico» (um materialismo apenas nominal. inquinadíssimo da abstrusa metafísica de Hegel e que está para o verdadeiro «materialismo histórico» de Marx, de cujo pensamento se dizem herdeiros, como o Cristianismo da Igreja de Roma está para as verdadeiras doutrinas de Cristo). Tal religião tem por deus a Marx e por profeta Lénin (adulterados ambos pelos fariseus do Kremlin, como Jeová e o Cristo o foram pelos fariseus de roupeta da Santa Madre Igreja Católico-Romana) e por papas, tão infalíveis como os de Roma para os católicos, a Stálin e ao Sr. Prestes. Não redigiríamos êste comentário se êste sr, a quem temos de confessar a nossa gratidão pelo cuidado que teve em mostrar ao seu rebanho aquilo que o separa de nós, anarquistas, não tivesse, na sua sabatina de Belo Horizonte, repetido, uma vez mais, o estafado tropo da encíclica do Vaticano Vermelho contra os anarquistas e, de um modo geral, contra todos os autênticos revolucionários; — a acusação de que somos pequeno-burgueses. Queremos apenas, em resposta, frisar que não colaboramos como o sr. Prestes e seus acólitos, com os representantes da burguesia na palhaçada parlamentar; que não temos, nem queremos ter, à mesa dos nossos comícios, a presença de padres; que nunca envergámos, como o sr. Prestes, a libré ou o uniforme de um exército, como todos os exércitos, defensor dos interêsses da burguesia, e que, por estas razões tôdas, não contamos, nem queremos contar, com o suculento caldo da «burguesia progressista», graças à qual o sr. Prestes pode adquirir edifícios e tipografias próprias para propaganda da sua religião e do respectivo clero.

A DOUTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICICA

Continuação do n.° anterior

Recentemente, com o govêrno de Stálin, uma segunda *Nep* se fez, isto é, um grande alargamento nas concessões a empressas capitalistas particulares, uma volta, em maior escala, ao capitalismo.

No próprio partido, várias cisões se têm dado. O maior revolucionário bolchevista, primeiro companheiro de Lênin, Leão Trotsky, indignado com êsse recuo, aliás inevitável, rompeu em oposição ao grupo dirigente comandado por Stálin e tem denunciado êsse regresso à burguesia antiga, regresso por êle cognominado: *termidorismo*. A revolução russa tem sido assim *desfigurada* como diz o próprio Trotsky, apesar do muito que fez para o advento do verdadeiro comunismo na terra.

Com efeito, a queda do *tzarismo*, apesar de haverem vencido os aliados, e a proclamação revolucionária dos principios comunistas, muito têm contribuido para reformar a mentalidade dos homens, mormente com o absoluto descrédito do capitalismo. Demais, muito hão feito os bolchevistas para desmoralizarem, na Rússia, as idéias religiosas, graças a uma campanha sistemática e tenaz contra a Igreja católica.

Tem, fora disso, valido muito como experiência aos demais povos. Kropótkin disse: «A revolução russa nos ensina *como não devemos fazer a Revolução*».

Ouçamos alguns trechos significativos de Trotsky.

«Excluindo, privando de trabalho, encarcerando, a fração no poder age pelas tricas e pelo rublo contra seu próprio partido. O militante operário teme dizer, em sua própria célula, o que pensa; teme votar segundo sua consciência. A ditadura do aparelho terroriza o Partido que deve ser a expressão suprema do proletariado. Semeando o medo no Partido, a fração dirigente diminui a capacidade dêste em manter no terror seus inimigos de classe. Mas o regime do Partido só por si mesmo vive. Ele mesmo exprime toda a política da direção do Partido. No decurso dos últimos anos, essa política deslocou seu eixo de classe da erquerda para a direita, do proletariado para a pequena burguesia, do operário para o especialista, do militante de fileira para o homem do aparelho, do operário agrícola e do camponês sobre o *kulak*, do operário de Shanghai para Chang-Kai-Check, do campônio chinês para o oficial burgês, do proletário inglês para Purcell, Hicks e os do Conselho Geral das Trade-Unions, e assim ao infinito. E' nisso que consiste a essência do *stalinismo*» E adiante! «O regime do Partido decorre de toda a política da direção. Atrás dos extremistas do aparelho acha-se a burguesia interior que renasce. Atrás dela, acha-se a burguesia mundial. Todas essas fôrças pesam na vanguarda proletária, impedem-na de erguer a fronte, de abrir a bôca. Quanto mais a política do Comitê Central se afastar da linha de classe, mais obrigada é a impor de cima, essa política de vanguarda proletária com medidas de coerção. Essa a origem do revoltante regime que vinga no Partido. E ainda: «E certo que a burguesia *interior* fez pressão sôbre a ditadura do proletariado e sôbre a sua vanguarda proletária, sem dúvida menos atrevidamente, menos abertamente, menos astuciosamente que a burguesia *mundial*. Porém as duas pressões vão de par e se exercem simultaneamente».

Tudo isso que Trotsky diz hoje afirmavam os anarquistas que se daria. Por afirmarem isso no tempo em que Trotsky era todo poderoso, foram por êsse mesmo Trotsky fuzilados, deportados, encarcerados, martirizados sem complacências. Veremos o que fizeram os bolchevistas, por exemplo, com Nestor Makhnó na Ucraína.

120 — *A solução anarquista* — Pelo exposto é facil ver que os anarquistas rejeitam qualquer solução que mantenha, temporária ou difinitivamente, o Estado sob qualquer feição, isto é, a propriedade particular assegurada por uma organização compressiva. Asseveram mesmo que nenhuma, absolutamente nenhuma concessão pode ser feita nesse sentido; porquanto a organização capitalista levada a termo durante séculos a tal aperfeiçoamento chegou, que tudo nele se encadeia. Um só exige a sequência dos outros; senão, entrava-se a máquina e nada prossegue.

Porém, como vimos, o elo principal de todo o aparelho é o *dinheiro*. Logo, o primeiro preceito de uma organização social revolucionária, tendente ao comunisno, é a eliminação do dinheiro, quer sob a forma de moeda, quer sob a de títulos transmissíveis ou aquisitivos.

Ousamos afirmar que a só extinção irredutível da moeda leva os homens naturalmente ao comunismo anárquico; pois, sem moeda, impossível é manter-se a propriedade particular.

Assentado isso, resta saber como se conseguirá essa extinção. Dois processos há.

121 — *Primeiro processo* — E' a revolução súbita como na Rússia.

Para lá chegar, ou se aproveita uma oportunidade igual à da Russia, em consequência de uma guerra capitalista, ou prepara-se o levante do proletariado pela propaganda da *greve geral revolucionária*.

A revolução russa iniciada pelos anarquistas russos no fim da conflagração mundial, mostra a possibilidade da primeira hipótese considerada por muitos, até então, impossível e utópica.

Demais, na Ucraína, sul da Rússia, o regimen anárquico foi instituido por Nestor Makhnó e durou cerca de ano e meio com ótimos resultados.

122 — *O movimento makhnovista na Ucraína* — A revolução russa foi suplantada logo no início, novembro de 1917, pelos bolchevistas; mas, no sul da Rússia, não triunfaram êles senão muito mais tarde em 26 de novembro de 1920. E' que, na Ucraína, outro empolgante movimento se dera: a instituição do anarquismo integral na sua fase revolucionária, isto é, nos seus métodos e fins de libertação dos trabalhadores Êsse movimento chamou-se *a makhnóvtchina*, ou enquadramento revolucionário dirigido por Nestor Makhnó.

Para nós anarquistas, êsse movimento é de excepcional importância, pois é uma verdadeira experiência, a prova irrefragável de ser a anarquia perfeitamente exequível.

Os bolchevistas procuraram por todos os meios, com seus habituais processos de calúnias e embustes, fazer crer ao mundo não haver sido Makhnó mais que um vulgar bandido, chefe de salteadores, que lhes cumpriu derrotar e afugentar.

Verdadeira infâmia essa de desnaturar uma das mais extraordinárias epopéias sociais da humanidade enlamear, com a pecha de bandoleiro, um vulto de invulgar nobreza, um verdadeiro gênio militar, um abnegado organizador e instaurador do comunismo libertário em seu país.

Sendo impossível contar aqui o incomparável drama da *Makhnóvitchina*, direi apenas como procedeu Makhnó para criar na Ucraína o regimen anarquista.

1° — Tratou de reunir em Gulai-Pole, aldeia da Ucraína, março de 1917, os anarquistas que lá deixara, oito anos antes, quando condenado a prisão perpetua Mostrou-lhes a necessidade imperiosa de constituirem uma organização revolucionária poderosa com finalidade anárquica e cuja missão seria propagar o ideal anarquista entre os camponeses.

2° — Fundou a união dos Camponeses de Gulai-Pole, com o intuito de opor os camponeses às autoridades do govêrno de Kerenski e firmar contato, sempre mais intenso, dos anarquistas com os camponeses.

3° — Firmou o princípio de que, nos meios camponeses, não seria admitido nenhum político, demonstrando que todos êles procuram impedir que os trabalhadores façam a *sua* revolução.

4° — No Congresso de Alexandrovska, cidade próxima de Gulai-Pole, afirmou, em nome dos camponeses, que estes não confiavam a obra revolucionária aos *Comitês comunais* da coalição - Kerenski -- e manteriam sob suas vistas o Comitê Comunal de Gulai-Pole. Foi êsse o primeiro passo para *desprestigiar as autoridades constituidas* e abalar o aparelho compressor do Estado, substituindo-o pela organização livre dos camponeses.

Continua

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Contra as eleições

Aos 16 de dezembro de 1927 publicou o nosso diretor, no diario **A Patria** *desta capital, o seguinte artigo, digno de ser reproduzido hoje:*

Em 1848, Karl Marx, Fr. Engels e M. Rettinghausen fundaram a celebre **Nova Gazeta do Reno** para propaganda do socialismo revolucionário.

Nesse jornal, publicou Retinghausen um notável artigo, combatendo o sistema representativo, cuja base são as eleições. Seus argumentos vinham perfeitamente discriminados e seria bom que sobre eles meditassem os trabalhadores brasileiros, iludidos agora por meia duzia de pseudo- revolucionários que os querem reduzir a carneirinhos eleitorais para gozo deles pastores.

Eis os argumentos de Rettinghausen, em resumo:

1· Compreende se o sistema representativo nos tempos das *corporações medievais*. Os trabalhadores eram agrupados em *corporações de ofícios*, as quais delegavam a deputados seus um *mandato* especial. E o deputado falava em nome e de acordo com os interesses da corporação representada, estatuidos no mandato. Extintas essas corporações, o sistema representativo é absurdo.

2· O representante, hoje, tem interesses particulares de mando, prestígio, lucro, partidarismo, etc., muitas vezes contrários aos interesses da coletividade representada. E' o que a crônica parlamentar revela todos os dias.

3· A representação nacional não passa de uma ficção. O deputado só representa a si mesmo. Vota como quer e não como querem seus pseudo-mandatários. Ele só consulta a vontade do seu *chefe* o qual só enxerga os interesses do seu *partido*. (Durante o regime bernardista, enquanto a nação era toda revolucionária, os representantes da nação eram quase todos bernardistas).

4. Ainda que houvesse um ou alguns deputados realmente representantes dos seus eleitores, representação nacional seria ficção porquanto a metade ou mais cidadãos não seria representada.

(Mesmo no caso do respeito à minoria, os representantes desta são sempre em número tão reduzido que não pesam no parlamento. E' só ver o que se passa entre nós).

5· Nas eleições, o intrigante sempre vence o homem de bem. Este recua diante de processos eleitorais eficientes, mas indignos. Os eleitores, demais, não votam segundo conhecimento pessoal do candidato mas levados pelas juntas dos partidos, por promessas, pela cabala dos mais espertos, promessas quase sempre ilícitas, de vantagens todas pessoais.

6· As assembléias corrompem sempre os indivíduos por mais honestos que sejam. Todos renegam, mais ou menos, suas primitivas convicções ou disposições. Desejos de elevar-se, enriquecer, a si e aos seus, fugir a responsabilidades, etc., arrastam os representantes a acordos, transigências e traições. Os exemplos são diários.

7· O desejo de ser reeleito, de se perpetuar nas vantagens inerentes ao cargo representativo, arrasta os mais firmes a concessões ilícitas. Assim, os piores deputados, os mais maleáveis e servis, são os que envelhecem nas câmaras. Os intransigentes são indesejáveis e logo excluidos

8· Toda assembléia política se compõe de mediocridades, em geral. Os homens de saber ou de talento são afogados pela maioria dos incapazes e acabam renunciando a sua missão e desistindo de intervir nas decisões. Essas assembléias são por isso dirigidas sempre por um mentor (um *leader*) verdadeiro tirano, ordenador de leis a seu bel-prazer. Esse chefe está quase sempre de acordo com o governo e por isso, no regime representativo, o governo normal é a ditadura, mais ou menos disfarçada.

———

Pensem os trabalhadores nisso e rasguem sem demora os papeluchos eleitorais que certos *revolucionários* lhes querem meter nas mãos para subir à custa deles.

Boa piada

Em **Vl Libertário** de Milão (13-11-946) um companheiro que se assina A. B. escreve:

«No início da desastrosa guerra mundial... fui chamado às armas e, antes de partir para a frente grega, o capelão abençoou nossas armas para que voltássemos vitoriosos do inimigo

Feito prisioneiro, tive de assistir a uma nova benção, a dos capelães gregos aos soldados enviados a bater-se contra o inimigo italiano.

Perguntei a um meu companheiro de desdita:

— E' possível saber se o deus dos italianos está em guerra com o deus dos gregos ou se uns e outros fazem guerra entre si em nome do mesmo deus? Neste caso como se arranjará o deus derrotado e em qual deveremos crer, dos dois que se batem, quando se fizer a paz?

Meu amigo que era democristão em espectatíva respondeu-me que tais assuntos não eram da sua conta e que eu me dirigisse, para esclarecimentos, ao Vaticano.

Sindicatos clandestinos em Portugal

Lemos em A BATALHA, valente órgão anarquista que, com C. G. T. mantém, intrepidamente, a luta contra o fascismo de Salazar, Cerejeira, **et caterva**, o seguinte resumido apêlo:

Ingressar nos Sindicatos Operários clandestinos da C. G. T. é apressar o derrubamento do Estado Novo.

Esse apêlo revela senão a existência de tais sindicatos, pelo menos o ânimo de organizá-los.

E nós aqui, em vão apelamos para a organização de SINDICATOS LIVRES!!!

Um repúdio

Telegramas de 1 de janeiro publicam as declarações do ex-adido comercial à embaixada russa no México, Kiril M. Alexeiev.

Segundo declara Alexeiev, repudia o regime soviético porque, durante sua permanêneia no exterior, «compreendeu as monstruosidades das mentiras espalhadas em toda a União Soviética sobre *a bestial exploração do operariado nos países capitalistas*».

Alexeiev declara mais ter sempre trabalhado na suposição de que o fazia pelo povo russo; agora percebe que o tem feito apenas em benefício do regime soviético.

Além de outras verdades sabidíssimas, conclui ele: «Não me é possível regressar ao meu país natal e condenar minha família, que se acostumou a respirar o ar da liberdade de viver, a permanecer sob o tacão de uma ditadura».

Esse pobre Alexeiev, mau grado esse rasgo de nobreza e destemor, vai ser agora achincalhado de traidor para baixo, em todas as gazetas do tal partido. Com prudência, não menciona o seu paradeiro, pois bem conhece as autoridades policiais russas, cruéis e vingativas, escolhidas a dedo pela ditadura feroz.

Um index comunista

Comunicam-nos que, em várias localidades, distribuiram, ou distribuem ainda, os burguesos do partido comunista, uns volantes com a indicação de publicações que não devem ser lidas. Afirma o informante que, em primeiro lugar, está nosso pequenino semanário, **Ação Direta**.

Quanta honra! Que reclame!

Francamente, não esperávamos essa dupla amabilidade!

Sermos distinguidos, em primeira linha, como publicação nefasta, pelos novos inquisidores, pela vanguarda reacionária da burguesia progressista, por esses jesuítas requintados, fanfarrões e acomodatícios com Deus e o Diabo, prova exuberantemente que nós, anarquistas, lhes damos tremendas dores de cabeça. Pouquíssimos que somos, paupérrimos, antipolitiqueiros, anticarnavalescos, antidemagogos, anticapitalistas, intransigentes na defesa da revolução, supúnhamos que, nem sequer, mereciamos a leitura dos aristocratas vermelhos.

Não tocaríamos no assunto, se não fosse a significação flagrante do lembrete comunista.

Estamos em *democracía*, palavra de que eles tanto abusam, eles ainda são apenas um partido político, longe parece ainda o dia em que possam apoderar-se do governo discricionariamente. Pois já começam a ensaiar o seu **index** exatamente como o Vaticano! Revelam-se, desde já, o que seriam se o governo lhes caisse nos gadanhos. Instituiriam um **index** oficial ou antes, não permitiriam nenhuma **Ação Direta** ou cousa semelhante.

Essa a *democracia* deles!

Nós fazemos o contrário.

Aconselhamos a todos que leiam e releiam os jornais comunistas. Cedo enjoarão aquela intragável macarronada de mentiras, imposturas e calúnias, e arrenegarão dêsse partido burguês tão ignóbil quanto os outros.

O Socialismo da Igreja

(Ver o número 24)

VII São estas as obrigações de justiça do proletário e do operário: fornecer integralmente e fielmente o trabalho livremente convencionado e segundo a equidade; não lesar os patrões nem nos seus bens, nem na sua pessoa, abster se, ainda em defesa dos próprios direitos, de atos, de violência e jamais transformar suas reivindicações em motins.

Teríamos margem para larga discussão nesse *livremente* indagando se existe esse *livremente*, ou se as combinações do salário não se fazem sempre sob atmosferas de pressão.

Ocorre, além disso, comumente, que salários, digamos, livremente combinados hoje, dentro de seis meses, por qualquer dos numerosos motivos, já não têm valor aquisitivo bastante para a vida normal. Que fazem os assalariados? Pedem aumento, isto é, revisão da tabela vigente. E' uma revisão de justiça. E como respondem os patrões? Em noventa e oito casos por cento, negam o aumento, alegando mil e uma razões,

Qual o recurso dos obreiros? A greve, o motim, a *violência*, no entender do papa.

Recomenda o papa que aos patrões não lhes toquem nos bens ou na pessoa.

Citemos, no entanto, um caso concreto,

Os padeiros do Rio, lá por volta de 1917 e 18, resolveram adquirir o direito de descanso aos domingos: direito reconhecido a toda gente. Mas, à burguesia não quadrava privar-se do seu pão quentinho na segunda-feira de manhã.

Os padeiros discutiram calmamente a questão, formularam tabelas, apresentaram propostas, esgotaram os argumentos, e nada!

Decidiram, então, criar uma célebre comissão denominada *paulista* que tratava *a pau* os furagreves e, à força de paredes, de pixamentos e bombas destruidoras de forno, pela violência em suma, conseguiram o justíssimo repouso semanal. Empregaram a **ação direta**.

Se fossem bons cristãos e ouvissem compungidos a lengalenga entorpecente da *Rerum novarum* ainda hoje estariam fronticurvos exaurindo-se sem trégua.

Uma cousa é formular critérios teóricos, quase sempre cerebrinos e outro cousa é solver os problemas na realidade, nos entrechoques da vida capitalista onde sobrepuja a avareza e a ambição

Aquele *livremente* estaria ótimo no Eden paradisíaco onde não parece ter havido sua magestade o capital. Mas, num mundo em que a regra é a *imposição do salário* ao trabalhador, aquele advérbio faz papel da vulgar *conversa mole*.

Outra obrigação é não *lesar* os patrões nos bens e na pessoa. Deixemos a pessoa. Quanto aos bens, afirmamos, nós anarqusitas, e conosco também os acomatícios socialistas, que *os trabalhadores são sempre e normalmente lesados pelos patrões*.

São lesados *diretamente* pelo patrão que lhes dá (caso não haja greve ou ameaça) sempre e sempre, o menor salário possível.

São lesados, ainda, indiretamente por dois modos por igual iniquos: pelo *imposto* cobrado nos artigos de consumo aos trabalhadores sem distinção; pela alta nos preços das mercadorias mal ocorra elevação de salários em qualquer indústria.

Lesar o trabalhador é o normal no capitalismo. *Lesar* o patrão é anormal. O trabalhador *lesa* o patrão se este não se conforma em atender as suas reivindicações conscientes. E essa disparidade compreende-se: o capital está nas mãos do patrão e é mais dificil *ir arrancar* do que *entregar*.

(Continuaremos)

Notícias anárquicas

Comunicações 1. Os companheiros de Viena avisam que nenhuma carrespondência lhes seja enviada com endereços antigos. Toda correspondência deve ser doravante enviada para **Karl Knauer, Breitenseestrásse**, 45. 11. 19. *Viena* XIV AUSTRIA

A Voz da Espanha que luta pela liberdade

Sub-delegação da C. N. T. e do Movimento Libertário Espanhol no Brasil

Donativos recebidos e enviados para auxilíar os combatentes libertários

Março de 1946 a Janeiro de 1947

Produto das listas distribuidas por «Ação Direta» no Rio de Janeiro e São Paulo . . . . . Cr$ . . . . . 5.110 , 00—
Lista de P. B. — Rio Grande do Sul . . . Cr$ . . . . . 552 , 00—
J. R. . . . . » » » . . . . Cr$ . . . . . 200 , 00—
C. V. . . . . » » » . . . . Cr$ . . . . . 30 , 00—
Z. O. (P. B.) São Paulo . . . . . Cr$ . . . . . 500 , 00—
A. P. Campinas . » » . . . . . Cr$ . . . . . 150 , 00—
Correia . . . . Rio de Janeiro . . . . . Cr$ . . . . . 120 , 00—
Esteves . . . . Rio de Janeiro . . . . . Cr$ . . . . . 120 , 00—
S. B. . . . . Rio de Janeiro . . . . . Cr$ . . . . . 120 , 00—
N. G. . . . . Rio de Janeiro . . . . . Cr$ . . . . . 100 , 00—
R. R. . . . . Rio de Janeiro . . . . . Cr$ . . . . . 100 , 00—
F. S. . . . . Rio de Janeiro . . . . . Cr$ . . . . . 50 , 00—
G. I. . . . . Rio de Janeiro . . . . . Cr$ . . . . . 30 , 00—
R. G. . . . . Rio de Janeiro . . . . . Cr$ . . . . . 20 , 00—
Saldo das listas de Imprensa e Propaganda Cr$ . . . . . 118 , 50—
Total de donativos . . . . Cr$ . . . . . 7.320.50—

Remessas

março de 1946 . . . . Cr$ . . . 5.035 , 00—
outubro de 1946 . . . . Cr$ . . . . 955 , 00—
novembro de 1946 . . . . Cr$ . . . 1.250 , 00—
Total das remessas . . . Cr$ . . 7.240 , 00—
Saldo em caixa . . . . . Cr$ . . . . 80 , 50—
7.320 , 50—

Nota
Os camaradas do Rio de Janeiro Correia, Esteves e S. B. contribuem *com Cr$. 20,00 mensalmente*

Rio de Janeiro 1º de Janeiro de 1947
Pela Sub delegação.
M. *Peres,*

Auxílio aos refugiados espanhóis em trânsito para diversos pontos da América Latina.
Donativos recebidos.

Lista do Rio de Janeiro . . . . . Cr$ . . . . . 1.070 , 00—
S. I. A. de São Paulo . . . . . Cr$ . . . . . 2.000 , 00—
Total . . . . . Cr$ . . . . . 3.070 , 00—

Despesas.

Auxílio aos refugiados da C. N. T. . . . . Cr$ 500 , 00—
Para viagens a Montevidéu . . . . . Cr$ 500 , 00—
Envio de pacotes à França . . . . . Cr$ 102 , 40—
Vestidos e sandálias para as filhinhas de uma família de republicanos. . . . . Cr$ 287 , 00—
Dinheiro entregue à mesma . . . . . Cr$ 160 , 00—
Socorro a uma refugiada da Catalunha . . . Cr$. 80 , 00—
Uma caixa de biscoitos para as crianças . . . Cr$ 20 , 00—
Botões, linha, broches e vários artigos para costura . . . . . Cr$ 32 , 00—
Uma máquina Gillete e lâminas . . . . . Cr$ 25 , 00—
Auxílio em dinheiro e alimentação a três refugiados do continente . . . . . Cr$ 190 , 00—
Para viagens ao Uruguai . . . . . Cr$ 270 , 00—
Total das despesas até o dia 5 de Janeiro de 1947 . . . . . Cr$ 2,166 , 00—

Receita . . . . . Cr$ . . . . 3,070 , 00—
Despesa . . . . . , Cr$, , ' , 2.166 , 00—
Saldo em caixa , , , , , , ' , , , 904 , 00—

O DESMASCARAMENTO

(Continuação da 1ª pag.)

quando há famintos em toda a parte.

O fascismo é uma criação do capitalismo. A guerra é outro recurso para salvar situações perigosas e dar lucros soberbos aos industriais de armas:

Os ministros do Estado trovejam muito contra a guerra, mas não articulam uma só palavra contra os preparativos d e s s a guerra.

Igualdade! gritam eles; mas essa igualdade está em cousas como esta: é proibido ao milhonário como ao pobre furtar um pão.

Liberdade! clamam; p o r é m, consiste apenas em escolher, entre dez partidos diferentes, um.

O capitalista não se acha criminoso; não viola nenhuma lei! Claro! Não são feitas por ele essas leis e para ele?

Todas as leis são farsas e sofismas. Para o capitalista não há *furto*. Usam-se outros termos: salário contratado, lucro. negócio, imposto, juros, etc.

O *virus* capitalismo envenena o sangue do povo; mas, se um homem, contaminado, não combate a infecção, não se pode culpar o bacilo, em caso de morte. Culpe-se a negligência da vítima, sua incapacidade ou ignorância.

Essa é a situação do proletariado. Em vez de torcer os pescoços dos bandidos honorários que o exploram, aceita de suas mãos o pão amassado com sangue, suor e lágrimas dele próprio.s gAinda levantam, ajudados pelo padres, as mãos calosas para pedir ao deus capitalista amparo aos algozes.

A resposta desses infelizes a nós anarquistas que lhes indicamos a torpeza de cima e o s meios de destruir os larápios é sempre esta: «Que podemos fazer? Temos de comer! Nem todos podem ser revolucionários!»

E nós repetimos. «Todos podem ser revolucionários e d e v e m sê-lo!»

O proletário não nasceu para escravo, nem é necessário q u e viva como trapos humanos.

O que defende os piratas é tão somente a ignorância do proletário e sua inércia para destruir a infecção social que o mata.

Se o proletário compreendesse que os seus exploradores só vivem porque ele trabalha, bastaria cruzar os braços e todo o castelo dos milhonários ruiria.

Ao primeiro ameaço de guerra, outro ameaço de greve internacional revolucionária sustaria as ambições dos gangsters.

O proletariado deveria p ô r, praticamente a guerra *fora da lei*, mas da sua lei.

Deveria criar, em vez de grupos belicosos, grupos harmoniosos. A uzina humana tem trabalho para todos e produtos de sobra para todos.

Proletário! Diante de ti está a Anarquia! Que bela palavra! O homem finalmente livre da escravidão e das guerras, o homem num mundo de fraternidade, igualdade e fraternidade!

Companheiro! estuda a anarquia!.

GERMINAL

A voz de um partigiano

Em **Era Nuova**, de Turim (1-11-46), um *partigiano* que se assina *Il partigiano Tissese* denuncia a falsidade do governo republicano que, depois de fazer largas promessas aos guerrilheiros que tanto ajudaram os aliados a combater os alemães e os regimes de Mussolini, são agora perseguidos enquanto a anistia repõe nos postos de mando os mais encarniçados facistas.

Relembra os dias tormentosos em que maltrapi-d o s, descalços, famintos, sem abrigo, passavam dia e noite, atacando ou atacados, a combater o inimigo poderoso e cruel. As aldeias alarmadas, com medo de represálias, fechavam lhes as portas recusando-lhes apoio; porém, a voz de Londres, pelo rádio, incitava os cada vez mais à resistência, prometendo-lhes uma era de liberdade e justiça.

Finda a guerra. nenhuma realização. Ao contrario perseguições. As perseguições obrigaram os *partigiani* a voltarem às montanhas e recomerçar a luta contra os facistas reimpossados n o s seus cargos e fiéis ao seu credo monárquico-clerical.

Que faz o governo? Para dividi-los, distingue-os em duas classes, os guerrilheiros que acorreram às armas logo depois de 8 de setembro de 1943 e os que só mais tarde entraram em luta Estes últimos foram excluidos de qualquer benefício. Ora, a grande maioria dos combatentes não se empenhou n o movimento logo após aquela data, se não quando se delineou a luta terrorista dos nazifassistas e a necessidade de combater por todos os meios o terror e a reação.

A manobra divisionária do governo teve algum êxito e provocou certos dissidio entre eles, nem todos homens conscientes.

O autor acrescenta: «Quem isto escreve é um guerrilheiro, mas anarquista, e como tal jamais esperou dos governantes qualquer cousa e escreve para abrir os olhos dos que acreditam neles e esperam algo por via do governo, de quaisquer governos. Guerrilheiros! uni-vos para combater o governo, vosso feroz inimigo; não tenhas nenhuma esperança, n a s promessas mentirosas dos governantes Tende somente fé na revolução social, único meio de abater o capitalismo e a sua vergonhosa exploração. Uni-vos aos anarquistas, os quais, com vosso auxílio poderão reconstruir a sociedade sem respeitar fronteiras, contrariando a obra nefasta de todos os governos, em bases verdadeiramente humanas, de fraternidade universal. E vós *partigiani* q u a l i f i c a d o s *combatentes*, sêde solidários como os não qualificados e repeli os *certificados* que de nada servem senão d e vendar-vos o s olhos para que não vejais toda a miséria e desolação que vos cerca. Combatei o governo com todos os meios Esse é o vosso e e o nosso inimigo, esse é o órgão criado para proteger com a força os privilégios dos desfrutadores contra os defrutados, apoiados na obra não menos nefanda dos padres que vos atocham os cérebros de patranhas e vos envenenam as consciências para conservar-vos sempre em servidão e vergonhosa superstição, indigna dos tempos modernos e da moderna civilização.

Viva a revolução social! Viva o ideal anárquico!

N o t a — Esses homens combatem a reação do governo italiano atual formado por partidos grandes entre eles, o comunista e o socialistas, Estes dois deram anistia plena aos fascistas mais aferrados a Mussolini e seus mais graduados e encarniçados esbirros.

Por isso, os senhores comunistas se dizem revolu*t*cionários e acusam os *partigiani* e os anarquistas de reacionários e fascistas! Lógica de burgueses bem apatacados, exploradores confiantes no regime vigente feitinho para eles.

Preparativos de paz?

Telegramas de 9 dêste mês contam a visita de Montgomery à Academia Militar Stálin.

Diz-se que Montgomery nessa visita aos *amigos soviéticos*, procura harmonizar questões importantes. Afirmam as grandes potências que trabalham a todo o pano para a paz.

Se assim é, esperaríamos ver os russos, tão pacíficos e pacifistas, mostrarem a Montgomery planos de desarmamento, levarem no a alguma academia científica, literária, de assuntos políticos votados à paz, ou lhe mostrarem algum monumento à liberdade, à paz humana, à concórdia dos po·v o s.

Longe disso, o que vemos é Montgomery ser levado à Academia Militar que se chama *Stálin* e o que lhe mostram para espantalho é um supertanque também chamado *Stálin*. Assuntos de alta guerra.

Mas, os mesmos telegramas anunciam a queda de Byrnes e a elevação de Marshall à chancelaria americana. Marschall, enviado especial de Truman à China, estudou a fundo o movimento de oposição comunista e deve ter compreendido lindamente que é vã tarefa qualquer acomodação com o imperialismo russo. Sua aparição na chancelaria americana parece bem claramente significar s e r unânime opinião americana que somente uma decisiva política de cartas na mesa acabará com as intriguinhas, as futriquinhas, a s manobrinhas p o l i t i q u e i r a s dos refalsados políticos rus·s o s.

A próxima reunião dos tais grandes em Moscou dirá se temos ou não razão.

Federação Arnarquista Francesa

Nos dias 13, 14 e 15 de setembro de 1946 celebrou-se em Dijon o segundo congresso da F. A. F.

Tomou-se o seguinte acôrdo que firma a perfeita unidade de vistas e ação com a C. N. T. (Confederação Nacional do Trabalho). Temos assim uma organização anárquica inteiramente semelhante à da Espanha e que deve servir de modelo a todos os movimentos de luta: *uma sindical de ação direta* e, ao lado, uma *federação anarquista* orientadora da luta de classes.

Eis o acordo:

A Federação anarquista trabalhará por amplificar o mais possível a C. N. T. francesa e recomendará a todos os seus membros que atuem a favor de um verdadeiro sentido anarco-sindicalista, aderindo a C. N. T.

Por seu órgão Le Libertaire. a F. A. F. moverá campanha em pról da C. N. T. contra a C. G. T. combatendo energicamente os métodos reformistas e antis-sindicalistas desta última.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis